

Escolha aqui seu analista.

E boa sorte

Trânsito intenso, inflação, desemprego, desajustes familiares, insegurança, crise existencial, conflitos de valores, dúvidas: a sociedade urbana agride o homem de tal forma que ele pode caminhar da simples neurose à completa loucura. A Organização Mundial de Saúde estima que 15% das populações na América Latina apresentam distúrbios mentais. Isto significa que, só na capital paulista, existiriam 1,5 milhão de desajustados.

Poucos, dessa vasta legião de desajustados, poderão buscar alívio numa terapia, cujos preços variam de Cr\$ 1 mil mensais (uma terapia de grupo) até Cr\$ 10 mil por uma única sessão de análise individual, o que daria Cr\$ 200 mil mensais, em caso de análise diária. Os preços, claro, variam de terapeuta para terapeuta, mas ainda assim o acesso à assistência psicológica é vedado às classes menos privilegiadas, mesmo porque a terapia pode durar meses e até anos. Pequena parte da população paulistana (2,3%) pode tratar-se com recursos próprios.

Embora alguns psicólogos insistam na idéia de que a psicoterapia deve ser estendida às massas, e que hoje isso seria possível com a "terapia de comunidade", o que implica no aproveitamento de estagiários junto a entidades coletivas, igrejas, sindicatos, associações de bairros e outras organizações, a sugestão não resolve o problema. Um estagiário jamais será um bom analista, cuja formação em geral demora anos não só de educação formal, mas de especialização e treinamento.

Por isso — a psicoterapia continuará sendo uma espécie de alívio apenas para a classe alta e parte da classe média. Em São Paulo, estas pessoas são atendidas por pouco mais de dois mil psicólogos e analistas, que se dividem em várias linhas de atuação. A maior parte deles é constituída por psicanalistas ou psicoterapeutas ortodoxos, ou seja, fiéis às idéias de Freud, cujo método de investigação psicológica para o tratamento das neuroses procura as tendências e influências reprimidas no inconsciente do indivíduo, provocando o seu retorno ao consciente. Nessa metodologia, é muito importante a questão da libido.

Um grupo dissidente adota as idéias de Jung, discípulo de Freud, que depois refutou algumas idéias do mestre, criando as bases da psicologia analítica, um meio não apenas de curar, mas também de desenvolver a personalidade mediante o processo de individuação. O tratamento varia de acordo com a idade e o temperamento dos pacientes, sem desprezar o impulso sexual ou a vontade de poder, mas só se estes fatores se revelarem ativos da neurose. Ao contrário de Freud — que situa o sexo no primeiro plano da problemática psicológica — Jung dá mais ênfase ao aspecto místico não dogmático.

Outra linha adotada pelos psicoterapeutas é a reichiana (criada por Wilhelm Reich, que tentou fundir marxismo e psicanálise). Reich, também discípulo de Freud, considerava a psicanálise incompleta como terapia e politicamente reacionária. Para ele, a satisfação sexual era premissa indispensável a uma vida mental sadia. Os reichianos geralmente "intervêm" no corpo do paciente, com massagens e exercícios respiratórios.

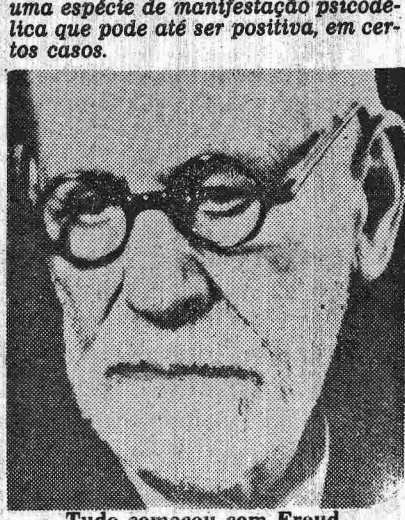
Outra corrente — a estabelecida pelo médico francês Jacques Lacan — firma-se sobre o discurso, a fala do analisando. Para os lacanianos, o homem é um "ser falante". A gestalt-terapia — outra linha — está ligada à contracultura. O behaviorismo, por sua vez, opõe-se à análise freudiana, geralmente desprezando o que homem sente ou pensa como objeto de estudo científico, e considerando apenas o que o homem faz.

Em contraposição ao behaviorismo — corrente criada nos Estados Unidos por B. F. Skinner — existe o rogeriano, inspirado pelo grande opositor de Skinner, Carl Rogers, também norte-americano. Para os rogerianos, o homem não é um organismo totalmente moldável pelo ambiente exterior, como moldável pelo ambiente exterior.

Para eles, cada pessoa tem em si um potencial e uma necessidade para o crescimento. Basta, portanto, dar ao indivíduo liberdade para ele ser o que é, em vez de preocupar-se com o que ele faz. Assim ele terá condições de crescer pessoalmente e produzir melhor para o seu grupo social.

Outra corrente — e a mais comum hoje no Brasil — é a dos psicodramatistas. O psicodrama foi instituído pelo argentino Jacob Levy Moreno, morto em 1974, em Nova York. Médico e autodidata em psicologia social, era também diretor de teatro. E foi do teatro que ele retirou a substância de sua técnica, através da qual os pacientes se reúnem em grupo para dramatizar suas situações individuais, agindo como atores num palco. Acredita-se que a dramatização pode propiciar uma maior compreensão dos conflitos individuais, com raízes na infância, e que após o psicodrama o analisando consegue grande alívio.

Há ainda outras linhas e sublinhas, além da terapia integrada, que afirma utilizar várias linhas de análise ao mesmo tempo, dependendo do analisando, e até uma corrente — a da antipsiquiatria — que apregoa ser a esquizofrenia um processo normal, uma espécie de manifestação psicodélica que pode até ser positiva, em certos casos.



Tudo começou com Freud